



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

Sexualidade e Género

PLURAL, FLEXÍVEL E REFLEXIVA: DISCUTINDO NOVAS CONFIGURAÇÕES DE IDENTIDADE SEXUAL

GUIMARÃES, Jamile

Mestre em Saúde Comunitária

Universidade Federal da Bahia

jamile_sguimaraes@hotmail.com

Resumo

A partir da compreensão do caráter mutável das identidades sexuais, este trabalho discute a configuração de identidades sexuais flexíveis em um contexto urbano de participação juvenil no Brasil. Utilizou-se a observação participante e entrevistas em profundidade para analisar a construção social da sexualidade por jovens que estabelecem relações amorosas estáveis tanto com pessoas de mesmo sexo quanto de sexo diferente. Esses jovens entendem que o compromisso e a filiação a uma identidade específica tende a cristalizar possibilidades de experiências e de crescimento individual. Prevalece a diversidade de expressões do afeto e do erotismo em uma sexualidade mais fluida e menos sujeita a classificações. A crítica às rotulações dos comportamentos sexuais e a uma condição humana essencializada articula-se fundamentalmente com um estilo de vida elaborado como estratégia de expressar “eu vivo o momento”. Esse contexto igualitário foi profícuo para a problematização do mundo social a partir de princípios democráticos e valores do pluralismo. O distanciamento crítico frente às convenções sociais se expressa na afirmação de que a identidade sexual não é encompassadora na constituição de suas identidades sociais. Uma nova mentalidade é impulsionada pela desconstrução das estruturas binárias e excludentes homem-mulher e heterossexual-homossexual diante das múltiplas possibilidades de configuração do *self* oportunizadas por este ambiente.

Abstract

This paper discusses the configuration of flexible sexual identities in an urban context of youth participation in Brazil. Through participatory observation and in-depth interviews is analyzed the social construction of sexuality by young people who establish stable loving relationships with both same-sex and different sex. These young people understand the commitment and affiliation to a specific identity tends to crystallize possibilities of experience and personal growth. Prevailing the diversity of expressions of affection and eroticism, through a more fluid sexuality and less subject to classification. The criticism of the labels and the essentialization of sexual identities sexual articulate a lifestyle as a strategy designed to express “I live for the moment”. This egalitarian context was beneficial in problematization the social world from democratic principles and values of pluralism. The critical gaze ahead to social conventions are expressed in the claim that sexual identity is not an axis defining their social identities. A new mentality is driven by the deconstruction of binary structures and excluding male-female, heterosexual-homosexual face of the multiple configuration possibilities of self by this environment.

Palavras-chave: Identidade sexual; Estilo de vida; Individualismo; Juventude; Pós-modernismo

Keywords: Sexual identity; Lifestyle; Individualism; Youth; Postmodernism

PAP0356

1.Introdução

As discussões sobre identidade sexual integram o quadro das tensões e transformações socioculturais que instauraram a crise do pertencimento e o esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ (Bauman, 2005). Esse amplo processo de mudanças desloca “*a estrutura e processos centrais das sociedades modernas e os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável do mundo social*” (Hall, 2005, p. 7).

Marcada por pontos de referência cada vez mais flutuantes e transitórios, a sociedade contemporânea é cada vez mais instável. Os dispositivos que tradicionalmente garantiam a estabilidade identitária nas vidas pessoais, como a profissão, o local de trabalho, a comunidade, até mesmo os laços familiares, vão perdendo o categórico e irrevogável valor de identificação que detinham.

Neste contexto, é solicitada uma crescente abertura e flexibilidade às identidades que nele são produzidas, bem como aos papéis desempenhados pelos sujeitos no âmbito de redes sociais cada vez mais complexas e diversas por vários domínios sociais. Resulta na atual dificuldade do indivíduo em viver estruturas simbólicas de longo prazo – como os valores de “fidelidade”, “compromisso” ou “lealdade” –, sublinhada por Sennett (2004), ao observar uma tendência para a *corrosão do caráter*.

Louro (1997), por sua vez, alerta que as múltiplas identidades não podem ser percebidas como se fossem “camadas” que se sobrepõem umas às outras. Em vez disso, é preciso notar que elas se interferem mutuamente, se articulam; provocando diferentes “posições”. Essas distintas posições podem se mostrar conflitantes até mesmo para os próprios sujeitos, fazendo-os oscilar, deslizar entre elas – perceber-se de distintos modos.

As identidades contemporâneas tendem a ser moldáveis, abertas à reconfiguração e dotadas de uma enorme plasticidade temporal. O processo de construção da identidade do sujeito descentrado remete a um constante *por-vir*, um *vir-a-ser*. A ênfase no *dever*, ao “está sendo”, desvincula a identidade do ‘ser’, acomodando-a ao campo da representação: a identidade representa a forma como os indivíduos se enxergam e enxergam uns aos outros no mundo. Identidades “incertas” (Ehrenberg, 1995), portanto, que se multiplicam em um tempo e um espaço cada vez mais complexo e fragmentado (Elster, 1985). Propiciando condições objetivas e subjetivas para acionar o que Velho (1994) designa de “potencial de metamorfose” dos sujeitos, ou o que Fortuna (1995) denomina “*destruição criadora das identidades*”: *informam a circunstância social em que os sujeitos são passíveis de alterarem a si mesmos, procedendo “de modo próprio, à reformulação estratégica das suas matrizes identitárias, como meio de adaptação a uma sociedade crescentemente complexa e contingente*” (Fortuna, 1995, p. 38).

O sujeito contemporâneo encontra-se imerso na busca pelo prazer individual, em seu bem-estar. Há um constante apelo para a inovação, para a experimentação, para a busca de novas sensações, para o imediatismo. A fluidez resulta na facilidade de se desfazer de uma identidade no momento em que deixa de ser satisfatória ou atraente, na competição com outras identidades mais sedutoras (Bauman, 2005). O “*eu jamais acabado*” (Sennett, 2004) é aberto a bricolages, sincretismos, híbridos, ambivalências, porosidades (Mouffe, 2001), “*às renegociações sucessivas e aos jogos complexos das micro e macropolíticas envolvidas*” (Soares, 2001, p. 381).

A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Deve-se, portanto, considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Enquanto na modernidade “*as pessoas são normalmente membros de uma e apenas uma nação, [...] membros de uma e apenas uma raça, um gênero e uma orientação sexual, [...] e cada uma dessas afiliações descreve de modo exato e concreto algum aspecto de sua existência*” (Calhoun, 2001, p. 220), a pós-modernidade enfatiza o caráter variável, não-essencialista e subjetivista das identidades.

Dentro desse quadro, as identidades sexuais constituem-se através da forma como a sexualidade é vivida: com parceiros do sexo oposto, com parceiros do mesmo sexo, com parceiros de ambos os sexos ou sem

parceiros. Alinhando-se a uma perspectiva sócio-construtivista, Britzman alerta para a impossibilidade de delimitar uma identidade e suas características:

[...] toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não-finalizada. Como uma relação social no interior do eu e como uma relação social entre “outros” seres, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular (1996, p. 74).

Em perspectiva semelhante, Giddens (2003) considera a sexualidade algo que cada um cultiva no transcorrer de sua vida, não mais considerando somente como uma condição natural e física do indivíduo ou um estado de coisas preestabelecido. A sexualidade, desse modo, funciona como um aspecto maleável do *eu*, um ponto de conexão primário entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais. Ele afirma que “*a sexualidade torna-se livre, ao mesmo tempo em que gay é algo que pode “ser” e “descobrir-se ser”; a sexualidade abre-se a muitos propósitos*” (p. 24).

A modernidade tardia, sugere Giddens, libertou a sexualidade dos confins, de uma única hegemonia e recolocou-a em um ‘pluralismo sexual’. A mudança significativa que fez romper estas características não foi consequência direta da ‘era permissiva’, mas de um movimento no qual a sexualidade enquanto ‘fixidez’ foi suplantada pela identidade sexual definida e estruturada pela escolha individual, onde a escolha sexual tornou-se mais um elemento na escolha do estilo de vida.

As condições modernas de vida fazem com que os indivíduos se deparem com uma grande variedade de escolhas. Uma dessas escolhas se refere ao *estilo de vida* definido por Giddens como “[...] *um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque forma material a uma narrativa particular da autoidentidade*” (2002, p. 79).

Entende-se aqui, estilo de vida como um modo particular de compreender e assumir a vida, consciente ou inconscientemente, não tanto no sentido de uma concepção particular do mundo (porque não se trata de uma ideologia ou cosmologia), mas sim uma idiossincrasia, um caráter ou marca de um grupo específico, expressado na totalidade ou em qualquer uma das várias esferas da vida (trabalho, lazer, sexualidade, alimentação, vestuário, etc.). Abarcando os planos material, simbólico e relacional que, em seu conjunto, conferem valor identitário para os que se inserem.

Considerados a partir de sua reflexividade, os estilos de vida se constroem e se transformam de acordo com as demandas da autoidentidade. São escolhas sobre como agir e sobre quem ser referindo-se a hábitos e orientações. Certos estilos de vida estão fortemente ligados a alguns ambientes específicos, podendo ser dispensáveis em outros ambientes (Rifkin, 2004). Sobre essa flexibilidade, Laclau (1994) observa que toda posição de sujeito é organizada no âmbito de uma estrutura discursiva essencialmente instável, pois está sujeita a práticas articulatórias que, a partir de distintos pressupostos, a subvertem e a transformam. Este aspecto político da identidade tem como referencia o posicionamento dos sujeitos no meio social. Moita Lopes (2003) coloca que quando os sujeitos escolhem que posição tomar, independentemente das práticas discursivas e relações de poder impostas pela sociedade, ultrapassam a resistência ao modelo legitimado, construindo de uma nova identidade (Castells, 1999).

Em alguns momentos de sua obra, Foucault indica possíveis caminhos no sentido de contornar o movimento contínuo que gera novas normatizações a partir do estabelecimento de identidades, defendendo uma “*construção radical da subjetividade*” que contrariasse a hegemonia histórica do sujeito jurídico e seus efeitos de verdade (Butler, 1997, p. 100), ou uma estética da existência, “*alternativa a formas de relacionamento socialmente prescritas e institucionalizadas*” (Miskolci, 2006, p. 229).

Butler avança o trabalho de Foucault, ao explorar a dimensão da agência dos sujeitos dada pelo próprio processo de subjetivação. A pergunta transforma-se, então, de “*como criar novas subjetividades ou como*

recusar identidades construídas no bojo de um discurso hegemônico” para “como explicar os mecanismos pelos quais os sujeitos se reconhecem em determinadas identidades como sujeitos”.

O presente estudo integra-se a este debate ao discutir subjetividades supostamente resistentes a constrangimentos hegemônicos, desenvolvendo novos modos de viver e de se relacionar que incorporam a flexibilidade, pluralidade e a radicalização reflexiva como elementos estruturantes (Bauman, 2005; Giddens, 2002).

A partir da compreensão do caráter mutável das identidades sexuais, analisa-se a configuração de identidades sexuais flexíveis por jovens em um contexto urbano de participação no Brasil. A rede social que conforma a participação é complexa, diversa e multiplicada por vários domínios sociais, oportunizando uma crescente abertura na atualização de princípios de classificação social constituintes da identidade. A recusa da orientação sexual como um eixo de definição da identidade social vincula-se à ideia da existência como potencialidade, mediante a construção de um discurso de antirrotulagem como estilo de vida, de quem *ama ou se sente atraído por pessoas de todos os tipos*.

2. Sexualidade: entre o tradicional e o moderno

A cultura sexual brasileira é marcada pela existência de um forte sistema de categorias de gênero – macho e fêmea, masculinidade e feminilidade, atividade e passividade – que fornece um quadro de leitura dos comportamentos para os atores sociais. Sendo um sistema estritamente dicotômico, os homens não podem se permitir ter comportamentos que façam nascer a menor dúvida sobre sua masculinidade (Parker, 1991). Diversos estudos sobre a sexualidade masculina no Brasil destacam que ela é representada por homens e mulheres como instintiva, mais próxima da natureza, o que pede sua satisfação imediata, justificando contatos sexuais múltiplos e extraconjugais. A sexualidade é relacionada à genitalidade, o que se evidencia na importância no ato sexual, do funcionamento na relação sexual, assim como de qualquer distúrbio neste, principalmente para os homens; relação sexual sendo sinônimo de penetração (Parker, 1994; Vilela, 1998).

Na adolescência, é comum a forte expectativa por parte dos rapazes de demonstrarem sua virilidade; havia, por exemplo, uma tradição dos pais há algumas décadas atrás levarem, logo que possível, os filhos para terem sua iniciação sexual com profissionais do sexo. Da mesma forma, as mulheres devem administrar os avanços masculinos se quiserem conservar uma reputação de moça de família ou de mulher honesta. Mesmo que a perda da virgindade não seja mais um atributo passível de estigmatização das mulheres, não deixou de existir certa exigência de “virgindade moral”, que se apresenta sob a forma de um jeito passivo e ingênuo em matéria sexual, o que torna difícil abordar questões de sexualidade ou de contracepção com parceiro (Heilborn, 2006).

A homossexualidade subverteria a norma, a partir da ocupação, no caso da homossexualidade masculina, de uma posição inferior (dominada) (Bourdieu, 1999). Já no caso da homossexualidade feminina, haveria a possibilidade de subversão de uma posição de subordinação, a partir da negação do papel atribuído à mulher: subordinar-se, também sexualmente, ao homem. A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente (Goffman, 1988).

O aparecimento de novas elaborações para identidades sexuais na sociedade brasileira integra as mudanças observadas nas três últimas décadas do século XX, associadas a uma acelerada modernização na área dos costumes a partir das mudanças na dinâmica econômica do país com a emergência de um mercado de consumo sofisticado, da redução da família em tamanho, da ampliação da educação superior e da crescente importância da comunicação de massa. O surgimento de novos códigos relativos à sexualidade representa uma modificação da tônica interpretativa dos atos homoeróticos. Sua disseminação assinala a fragilização da hegemonia do modelo tradicional, que orquestrado pela oposição de gênero e fundado na lógica da atividade/passividade, admitia somente para o passivo uma classificação estigmatizante.

O movimento de liberação de mulheres e o movimento homossexual seguem um modelo igualitário, que preconiza a dissolução da distinção de gênero, postulando a simetria entre os parceiros. Fazem isto ao estabelecerem relações igualitárias, nas quais os papéis ativo/passivo não existem como relação de subordinação. Ao contrário, as relações sexuais seriam vistas como fontes de prazer, sendo valorizadas por isto (Pollak, 1990). A principal expressão desse fenômeno localiza-se entre as camadas médias e altas dos grandes centros metropolitanos, que compartilham do *ethos* intelectual e são adeptos de uma moral liberal e, eventualmente, vanguardista (Heilborn, 1999; Salem, 1989; Velho, 1999).

3. Fluidez e pluralidade: signos de uma sexualidade liberta?

Esta pesquisa teve início em conversas informais no trabalho de campo da dissertação de mestrado sobre a participação juvenil como estratégia de promoção da saúde. Chamou-me a atenção como dois jovens se referiram ao contexto participativo como um ambiente que lhes permitia se expressarem e viverem de forma “livre”, “sem julgamentos” a sua sexualidade. Foi, então, elaborado um roteiro de entrevistas com questões relacionadas à sexualidade e à identidade sexual e social na contemporaneidade. Posteriormente, foi explicado o objetivo e a metodologia desta nova pesquisa a estes dois jovens, e solicitado que mediassem o encontro com outros jovens que atendiam ao critério de estabelecerem relações amorosas estáveis tanto com pessoas de mesmo sexo quanto de sexo diferente. Utilizou-se o diário de campo da observação participante, referente à descrição do contexto e de episódios considerados pertinentes ao tema e foram realizadas entrevistas em profundidade com sete jovens, na faixa-etária entre 21 e 32 anos, com formação superior completa ou em andamento. Por suas profissões, os entrevistados podem ser caracterizados como integrantes das chamadas “camadas médias”: atores, pedagoga, veterinária, advogados, antropólogos.

3.1. O espírito democrático e os valores do individualismo na regência de relacionamentos amorosos

O aspecto fundante desta argumentação é a elaboração de identidades sexuais mediante a vivência “plena” de “possibilidades sexuais” em espaços sociais marcados pelo igualitarismo e de “perfil moderno”. Este perfil pode ser sintetizado em uma determinada configuração de valor que concatena três princípios éticos: a psicogenicidade, a igualdade e a mudança, segundo a proposta interpretativa de Salem (1989), aqui adotada. Tais princípios configuram linhas mestras de uma leitura do mundo que se exprime concretamente em normas e comportamentos de valorização da singularidade e liberdade individuais como estruturadores de um estilo de vida que afirma a fluidez. Sustenta-se que os adultos jovens aqui analisados se enquadram em um determinado universo de valores que transcende a orientação sexual. É dentro destes marcos que se pode entender suas formulações a respeito da construção de suas identidades.

Contextos igualitários como a universidade, especialmente em faculdades de arte e de humanidade, e de participação social e política foram profícuos para o estabelecimento de novos modos de interação. O processo de constituição da identidade sexual passa a integrar um quadro ideológico cujo núcleo duro é a contestação ao *status quo* e o antagonismo político como instrumento de transformação social. Guimarães (2011) analisa a dimensão pedagógica da participação política e social de jovens, observando como o processo participativo constitui uma dinâmica problematizadora das relações sociais nas quais eles se inserem –, nas diversas escalas da estrutura social. Vistas como construção histórica, as relações sociais tornam-se passíveis de transformação. Questionar o porquê dos fenômenos e discursos sociais gera um exercício de desnaturalização necessário para o pensamento e o agir críticos. Desnaturalizar e historicizar as relações sociais permite aos jovens compreender os mecanismos de manutenção da estrutura de poder e as situações de opressão que vivenciam no cotidiano.

O distanciamento crítico frente às convenções sociais enseja a reinvenção de suas práticas sociais a partir de princípios democráticos e valores do pluralismo. Uma nova mentalidade, no plano sexual, é impulsionada pela desconstrução das estruturas binárias e excludentes homem-mulher e heterossexual-homossexual diante das múltiplas possibilidades de configuração do *self* oportunizadas por este contexto.

As relações amorosas desses jovens integram um padrão cultural de valorização dos princípios da igualdade e da liberdade. A formação dos casais segue a moldura do amor romântico que nasce da amizade, das provas de companheirismo e dos gostos em comum. Os namoros surgem “naturalmente” de um sentimento amoroso que tem sua origem nas similitudes e em um encontro espiritual singular: “por ser uma questão de sintonia, de um sentimento ao mesmo tempo tão forte e tão suave, que secundariza a fissura sexual [...] e o objeto fálico da pessoa”, enfatizou Carlos. Enquanto Oscar definiu: “é um tipo de relacionamento de parceria, no sentido amplo desta palavra”. De modo geral, as narrativas evidenciaram algumas das características marcantes da indistinção sexual do par: a motivação emocional despertada, os valores pessoais, gostos estéticos e o nível intelectual. Não obstante, seja ressaltada a importância da regularidade de relações sexuais para manter o “equilíbrio” e a “saúde” da relação amorosa.

Esse discurso se aproxima da proposição de Foucault para a busca de novas formas de existência e de vivência dos prazeres, independentemente das regras sociais e sexuais impostas pela sociedade e pelo dispositivo da sexualidade, a partir da formação da própria ética pelo indivíduo. Na entrevista *Da amizade como modo de vida*, ele discute algumas das questões referentes à amizade enquanto possibilidade de reconstrução de uma estética da existência e de um modo de vida homossexual. Para esta análise assimilam-se as ideias centrais da ética da amizade enquanto “*caminho para a criação de formas de vida, sem prescrever um modo de existência como correto*” (Ortega, 1999, p. 167). A amizade colocada por Foucault se distingue por se tratar de um espaço para a experimentação, que vincula o *eros* à *philia*. Ao aproximar estes dois componentes, a amizade torna-se “*a soma de todas as coisas pelas quais pode-se dar prazer um ao outro*” (Ceccaty, Danet & Le Bitoux, 1981, p. 38).

Ao questioná-los sobre a aparente primazia da amizade contida em seus discursos, alguns dos informantes foram enfáticos ao enunciar a prevalência do respeito à individualidade e de suas idiossincrasias como chancela a decisão de namorar. A intimidade, então, assinala a compressão da distância estrutural entre os indivíduos estabelecida pelas regras de etiqueta, que garantem a preservação dos domínios exclusivos do eu.

Esta proteção do *self* é verificada em vários momentos, sobretudo nas falas conotam a recusa ao engajamento nas classificações de homossexual ou bissexual. Marcos discorreu sobre a complexidade do indivíduo e do sujeito social para minorar o “poder” da identidade sexual no seu comportamento pessoal, no exercício de sua cidadania e do desempenho profissional. Leticia disse se vê como “uma pessoa com muitas manias”, com “gostos meio soturnos” que são mais predominantes na forma como conduz sua vida. Marília relatou o “incomodo de ser percebida pelos outros mediada por minha sexualidade”. Enquanto Oscar foi categórico ao fazer a seguinte reflexão: “se meus relacionamentos amorosos ou sexuais são meio mutantes [...] [se] carecem de uma definição, porque eu já não quero nem acho que preciso me definir, como posso lhe afirmar que isso é decisivo para a forma que me coloco no mundo?”. Apesar da negativa reiterada do valor encompassador da sexualidade na constituição de suas identidades sociais, algumas de suas características pessoais e sociais aparecem relacionadas ao posicionamento no âmbito sexual: o respeito e a “tentativa de não julgar com moralidades as ações dos outros”, a solidariedade e o apoio informal a movimentos homossexuais, a rejeição de “moralismos” e “caretices” e o entendimento do “valor supremo da liberdade”, foram citados como exemplos de aceitação e afirmação de sua condição cambiante e fluída no plano da sexualidade.

3.2. O lugar do estigma nos espaços de uma liberdade cerceada

O discurso desses jovens se organiza em torno da afirmação de que o sexo do parceiro não é relevante para o entendimento da relação, e que a escolha sexual do presente (ou do passado) não significa reconhecer-se como essencialmente homossexual ou bissexual, e ainda, que privilegiar a dimensão erótica de sua apresentação no mundo é empobrecedora. No entanto, o entendimento da “homossexualidade” como limitadora das potencialidades dos indivíduos, parece associar-se ao “penoso” estigma que encontra seu antídoto na estratégia de anonimato. Apenas um dos entrevistados vivencia a sua sexualidade fluída no ambiente familiar. O círculo familiar de Antônio é formado por sua mãe, a irmã e um amigo de infância. Os demais só se sentem a vontade para “expressar livremente” seus sentimentos em ambientes “mais *cult*”, GLS, na ONG e/ou na faculdade.

Estes contextos mais igualitários são apreciados por serem mais “modernos”, “plurais”, em que “se respeita a diversidade”, “sem julgamentos”, “sem situações de mal-estar” ou “constrangimentos”. Simões e França (2005) assinalam que as categorias moderno e descolado têm ganhado espaço na mídia para definir um determinado estilo de vida atualizado no que diz respeito às referências internacionais de moda e estilo, que procura escapar de visuais, comportamentos e práticas enraizadas nas convenções sociais brasileiras.

A fala de Marcos é ilustrativa do conforto proporcionado pela aceitação à sexualidade plural: *“aqui [ONG] ninguém olha torto, já trouxe um namorado em umas festas, saíamos juntos com alguns amigos que se definem como heterossexuais, sem nenhum problema [...] hoje eu tenho uma namorada e ninguém me cobra por isso”*.

O constrangimento causado por relações com pessoas de ambos os sexos em certas instâncias sociais produz esforços regulares para encobrir o vínculo pelo despistamento mais ou menos contínuo ou pela atribuição de um significado menor “ao que os outros pensam”. O equilíbrio entre revelação e segredo estrutura a ideia de que “não se deve dar satisfações” sobre com quem se mantém vínculos amorosos, sobretudo em ambientes de trabalho considerados conservadores, conforme relatado pelos advogados. Da mesma forma, não é imperativo que os parentes estejam colocados a par da escolha do parceiro, estabelecer uma acentuada distância entre os assuntos da vida particular e o envolvimento com a esfera familiar, mantem separadas estas duas instâncias.

Fica patente o posicionamento de que a escolha individual deve ser respeitada como esfera pessoal sem a consideração da opinião alheia, sobretudo a de não iguais – os que não aderem à mesma ideologia. Exemplificado aqui na declaração de Daniel: *“Eu me interesso pela pessoa e não pelo seu sexo, sei que a maioria pensa diferente, não tem essa compreensão, então não tem porquê ficar criando situações de incongruência [...] acho que a sociedade avançou em vários aspectos, mas não está preparada para isso”*.

De fato, persiste no imaginário social brasileiro uma situação de permanente conflito e disputa entre as identidades homossexual e heterossexual pensadas como estados mutuamente excludentes, inclusive contraditórios em termos de objeto de desejo. Imaginar uma pessoa que sinta atração por indivíduos do mesmo sexo e do outro sexo significa fazer coexistir nela dois atributos que são vistos como em conflito e negação, e situados em campos opostos. Logo, fica fácil concluir que esta pessoa só pode ser alguém em situação de conflito, alguém indefinido, em fase de definição, portador de algum problema. Para a maioria das pessoas, é até possível imaginar que isto ocorra por algum tempo, fruto de uma situação de indecisão, mas que deve caminhar para uma definição assim que possível. Ou seja, se aceita a indefinição como uma fase da vida, quanto mais curta melhor (Lago, 1999).

3.3. A dialética da antirrotulagem: negar as convenções para afirmar um novo modo de vida

Quando questionados sobre as convergências e dissensos entre a sua identidade sexual e a categoria bissexual, cinco dos sete os entrevistados alegaram se sentirem incomodados por verem todas as dimensões da vida das pessoas explicadas pela sexualidade. Eles entendem que o compromisso e a filiação a uma identidade específica tende a cristalizar possibilidades de experiências e de crescimento individual, em termos de práticas e relações sociais. Ao libertarem-se das restrições instituídas pelas normas sociais, percebem a diversidade de expressões do afeto e do erotismo ensejadas por uma sexualidade vivida com mais fluidez.

Expressar-se como **sem rótulo** é uma tentativa de evitar o enclausuramento nos modelos convencionais de heterossexual e homossexual. O termo rótulo surge como denominador de um efeito reducionista ocasionado por uma forma unívoca de classificação, que, por sua vez, produz o reconhecimento como sujeito. Segundo os entrevistados estes modelos predizem estilos anacrônicos e/ou caricatos de se comportar: o sapatão, a bicha ou o tipo “gay grã-fino da classe média” são tidos como meras reproduções do padrão masculino e do feminino.

Dessa forma, o discurso que rejeita da identidade sexual como aspecto central a construção da identidade, desdobrou-se para a “imagem ridícula” de gays em *realities shows* e novelas. Esses personagens aventam a

uma aceitação social que subjaz o reforço da humilhação e da diminuição do ser. Oscar, Leticia e Marília citam a vulgaridade com bate-bocas e fofocas constantes, a feminilidade exacerbada e caricata, atrelada a tentativa de simbolizar uma sofisticação com “*ar de superior, expert em coisas que os heteros não têm aptidão*”, como moda e cuidados estéticos. Leticia obversou ainda que essa maior inclusão social parece restrita ao homossexuais masculino, o que lhe gera indagações quanto ao “*teor desse interesse mercadológico*” ou se corresponde a uma mudança cultural que atinge inicialmente a parcela mais visibilizada dos homoeróticos.

A insatisfação com a imagem social do homossexual resulta, portanto, em um discurso de distanciamento que se centra no entendimento de que tanto os movimentos homossexuais como os indivíduos, em sua maioria, reproduzem o binômio masculino-dominância-atividade sexual versus feminino-submissão-passividade sexual, estruturador do modelo hierárquico do gênero e da identidade sexual na sociedade brasileira. Fazendo com que eles não se sintam “contemplados” ou “representados”, conforme explicaram.

O entendimento de que orientação sexual não deve ser prescritiva, reverbera em uma visão crítica dos movimentos homossexuais que, segundo os informantes, aspiram impor um padrão, essencializando uma identidade homossexual ou tornando-a intrínseca ao indivíduo. Eles salientam a importância da flexibilidade para uma construção ativa ou mesmo criativa das articulações de suas identidades pessoais e sociais. Neste ponto, valoriza-se a ambiguidade como uma estratégia de dizer “*eu não sou uma coisa nem outra*”.

Os entrevistados argumentam que a busca por direitos iguais tem reduzido os círculos homossexuais às formas de vida e de relacionamento, práticas sociais e apresentações de si heteronormativas, em vez de direcionar a legitimação do direito a criação de novas formas de existência. Mostrando-se favoráveis a experimentação de uma multiplicidade de prazeres e desejos, bem como formas diversas de ser homem e mulher. Eles acreditam que a construção criativa de uma ética individual e de novas formas de relacionamento, reside à possibilidade de constituir sociedades mais democráticas. Corroboram, assim, a ideia de Foucault, de que um novo modo de vida pode superar as barreiras sociais e históricas colocadas entre os indivíduos, em suas palavras:

Esta noção de modo de vida me parece importante. Será que não seria preciso introduzir uma diversificação outra que não aquela devida às classes sociais, diferenças de profissão, de níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação e que seria “o modo de vida”. Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar à relações intensas que não se parecem a nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética (Ceccaty, Danet & Le Bitoux, 1981, p. 39).

Butler (1997, p. 137), citando Agamben, lembra que o desejo de “ser” simplesmente não pode ser entendido como algo que elimine qualquer experiência ética ou que defina uma essência humana que mina a ideia de existência como potencialidade. Assim, poderíamos “*reler ‘ser’ como precisamente a potencialidade que permanece inexaurida por qualquer interpelação particular*”. O discurso aqui apresentado surge e é negociado como identidade, explorando um movimento de autoexclusão de categorias ajustadas às identidades sexuais convencionais. Distinguem-se pelo movimento crítico de negação destas identidades. No entanto, convém salientar que o cerne desse empreendimento identitário é fazer da vida uma experiência transformadora e renovada a cada experiência, libertando-se de valores morais socialmente impostos e regulados.

É usual, no Brasil, o imaginário social considerar o indivíduo que manifesta relacionar-se afetiva e sexual com homens e mulheres como alguém que hesita, que não tem força ou capacidade suficiente para definir-se por algum dos polos. Alguns dos entrevistados consideram que caso encontrem a “pessoa ideal”, “o amor da minha vida” seria “natural” que socialmente fossem vistos como assumindo uma orientação sexual reconhecida. Apesar de ressaltarem que o engajamento em uma identidade fixa envolva vivenciar um conjunto de características muito mais complexas do que as representações socialmente difundidas. Respectivamente, Carlos e Marília dissertaram a respeito:

Acho que o que importa para a “sociedade” [fez o gesto de aspas] é a união de pessoas de sexo diferentes, [...] não vejo ninguém questionar estes papéis [...] O que ser marido? O que

é ser esposa? Tudo que a gente acha acontece na prática? Isso é positivo pra sociedade? [...] na verdade são estereótipos do que é ser homem, do que é ser mulher.

No meio social vemos uma aparência, são personas, não as essências, que a meu ver são uma construção pessoal [...] nosso imaginário é povoado de ideias gerais sobre o que é capitalismo, cultura, [...] com a sexualidade é a mesma coisa [...] alguns traços psicológicos e identificações gerais [...] eu nem sei se seria possível definir as coisas de outro jeito...

Manter-se à margem de definições sujas a ideia recorrente de ser livre, de manifestar o desejo pelo outro sem as eventuais amarras de corpos masculinos e femininos, pois o afeto e a excitação estariam acima destes limitantes. Este cenário discursivo advém do quadro simbólico instaurado pelo individualismo moderno, construído sobre a premissa da singularidade dos indivíduos. A singularidade é enfatizada como forma de se impor distintamente, e desta maneira manifestar a sua liberdade como autoafirmação em relação à sociedade.

Nesse sentido, a própria ideia de diversidade é posta a prova: Como se conforma está diversidade? É um atributo do sujeito ou serve para agregar um grupo social? Quem integra e quem define a diversidade? Essa análise aponta para a necessidade de conferir um sentido mais complexo a diversidade, para além da sexualidade, uma diversidade de constituir-se sujeito e de organizar a vida.

A elaboração de um estilo de vida como estratégia de expressar “eu vivo o momento” articula-se a tentativa de desprende-se de identidades sexuais essencializadas. O discurso apresentado questiona a fácil dualidade entre heterossexuais e homoeróticos, em vez de dar nome a uma minoria invisível, mal percebida, importa pensar acerca da existência predominante de um estado conhecível e estável da sexualidade em um momento histórico cujas características centrais são a constante mudança, a maior abertura ao novo e ao inusitado, e o sincretismo enquanto recurso de expressão da individualidade.

4. Considerações Finais

O estilo de vida aqui apresentado integra as novas manifestações da sexualidade e estaria em conformidade com o atual estado das dinâmicas de transformações da intimidade posterior aos anos sessenta do século XX (Giddens, 2003; Kaufmann, 2003); entretanto, ao mesmo tempo em que, apresenta características inovadoras, até mesmo subversivas, tem no ideal do amor romântico seu *fons et origo*. Estabelecendo, portanto, pontos de desacordo com a ética amorosa pós-moderna, que tem a obtenção do prazer como “única justificativa para a manutenção de um relacionamento íntimo vivo”, conforme Bauman e Ruiz (2004, p. 122).

Estes autores argumentam que “a experiência pós-moderna de intimidade deriva sua identidade da eliminação de qualquer referência aos deveres e obrigações morais, que simultaneamente motivam e restringem relações amorosas eu-tu” (p. 27). Enquanto os entrevistados inventam e multiplicam suas relações a partir da constituição de uma ética de amizade, que tem no afeto e nas demonstrações de apoio e respeito, o seu sustentáculo. O relacionamento íntimo é uma consequência da convivência de pessoas que possuem valores pessoais e visões de mundo similares, e criam fortes de vínculos pessoais. Desse modo, o desejo sexual advém dos encantos que o outro desperta em si, alocando-o no campo dos sentimentos.

Referências

- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z., & Ruiz, B. (2004). *Ética postmoderna*. Madrid: Paidós.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Britzman, D. (1996). O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, 21(1), 71-96.
- Butler, J. (1997). *The psychic life of power: theories in subjection*. California: Stanford University Press.

- Calhoun, C. (2001). Multiculturalismo e nacionalismo, ou por que sentir-se em casa não substitui o espaço público. In C. Mendes & L. E. Soares (Eds.). *Pluralismo cultural, identidade e globalização* (pp. 200-228). Rio de Janeiro: Record.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Ceccaty, R., Danet, J., & LeBitoux, J. (1981). Da amizade como modo de vida (Entrevista com Michel Foucault). *Gai Pied*, 25, 8-39. (W. F. do Nascimento, trad.). Recuperado em 22 fevereiro, 2012, de <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>
- Ehrenberg, A. (1995). *L'Individu incertain*. Paris: Calmann-Levy.
- Elster, J. (Org.). (1985). *The multiple self*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fortuna, C. (Org.). (1995). *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Giddens, A. (2003). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Guimarães, J. S. (2011). Reconhecimento social: a experiência da participação juvenil na construção da identidade. *Revista Juventude.br*, 6(11), 13-23.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Heilborn, M. L. (1999). Construção de si, gênero e sexualidade. In M. L. Heilborn (Org.). *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais* (pp. 40-59). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Heilborn, M. L. (2006). Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Estudos Feministas*, 14(1): 43-59.
- Kaufmann, J. C. (2003). *La mañana siguiente: cómo nace una historia de amor*. Barcelona: Gedisa.
- Laclau, E. (1994). Introduction. In E. Laclau (Ed.). *The Making of Political Identities* (pp. 1-8). London: Verso.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Lago, R. F. (1999). Bissexualidade masculina: uma identidade negociada? In M. L. Heilborn (Org.). *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais* (pp. 157-174). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Miskolci, R. (2006). Existência e pânico moral. In M. Rago & A. Veiga-Neto, (Orgs.). *Figuras de Foucault* (pp. 227-238). Porto Alegre: Autêntica.
- Mouffe, C. (2001). Identidade democrática e política pluralista. In C. Mendes & L. E. Soares (Eds.). *Pluralismo cultural, identidade e globalização* (pp. 410-430). Rio de Janeiro: Record.
- Moita Lopes, L. P. (Org.). (2003). *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras.
- Ortega, F. (1999). *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal.
- Parker, R. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller.
- Parker, R. (1994). *A Construção da Solidariedade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Pollak, M. (1990). *Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Rifkin, J. (2004). *O Sonho Europeu: como a visão europeia do futuro vem eclipsando silenciosamente o sonho americano*. São Paulo: M Books.

- Salem, T. (1989). Casal igualitário: princípios e impasses. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 9(3), 24-37.
- Sennett, R. (2004). *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record.
- Soares, L. E. (2001). Globalização como deslocamento de relações intraculturais. In C. Mendes & L. E. Soares (Eds.). *Pluralismo cultural, identidade e globalização* (pp. 379-409). Rio de Janeiro: Record.
- Simões, J. A., & França, I. L. (2005). Do Gueto ao mercado. In J. N. Green & R. Trindade (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos* (pp. 11-30). São Paulo: Ed. UNESP.
- Velho, C. (1999). *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Velho, G. (1994). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Vilela, W. V. (1998). Homem que é homem também pega AIDS? In M. Arilha, S. Rident & B. Medrado (Orgs.). *Homens e Masculinidades* (pp. 129-134). São Paulo: Editora 34.